
EDITORIAL

Análise das políticas educativas numa época de globalização

Abrimos este número 15 da revista *Educação, Sociedade & Culturas* com o último texto escrito pelo sociólogo inglês, Professor Basil Bernstein, que ocupou ao longo de mais de duas décadas a cátedra *Karl Mannheim* no Departamento de Sociologia da Educação do Instituto de Educação da Universidade de Londres. O Professor Bernstein faleceu no mês de Setembro do ano 2000. O texto que agora, e pela primeira vez, se publica, intitulado “Das pedagogias aos conhecimentos”, embora breve, demonstra a originalidade e a enorme qualidade do pensamento e trabalho desse autor (sobretudo) no campo da sociologia da educação. A Profa. Dra. Ana Maria Morais, estudante de doutoramento do Professor Bernstein e, posteriormente, sua colaboradora durante muitos anos, apresenta o texto sublinhando, particularmente, a abrangência do seu pensamento.

Na segunda parte da década de 1970, o autor destas palavras teve a sorte de ter Basil Bernstein como professor. Foi fascinante ouvi-lo expôr a sua teoria da reprodução e extremamente estimulante participar nos primeiros passos do que viria a ser o seu projecto de uma sociologia da pedagogia, projecto esse que veio a concretizar-se em plena força durante a década de 1980 (diga-se de passagem em grande oposição à política educativa de Margaret Thatcher). Na verdade, a sociologia da educação de Basil Bernstein tornou-se num ponto de referência para qualquer estudioso deste domínio. A sua investigação ganhou ao longo dos anos dimensão internacional, circunstância que deu origem a

equipas que até hoje vêm trabalhando a sua teoria em várias partes do mundo. O simpósio a que Ana Maria Morais se refere na sua apresentação reuniu muitos investigadores dessas equipas e constituiu um momento importante na construção de uma rede de colaboração e alargamento das ideias do grande pensador que foi Professor Basil Bernstein. Sem sombra de dúvida, a sociologia da educação ficou mais pobre com o seu desaparecimento. Assim saiba, apesar disso, prolongar e aprofundar o seu instigante pensamento.

Talvez o tema que melhor agrupa os artigos científicos deste número da revista seja “a análise das políticas educativas numa época de globalização”. O campo educativo transnacionaliza-se. A globalização tem um impacto sobre a educação, e mais especificamente sobre os sistemas educativos, que precisamos de compreender. As políticas educativas desenvolvem-se a diferentes níveis: local, nacional, supranacional. Em Portugal, pode sentir-se a tensão entre lógicas diferentes. Pergunta-se: Quem decide na política educativa? Como? Com que base? O que delimita a decisão educativa? Quem determina a agenda política em educação? A agenda testemunha mais o que pode ser discutido ou o que não pode ser discutido? Quais os actores sociais que participam neste processo? O que significa educação para os diversos participantes no debate? Quais as implicações da globalização para os processos de legitimação da decisão educativa? Eis algumas das questões levantadas pelos artigos de Luiza Cortesão, António M. Magalhães e Stephen R. Stoer e de Susan Robertson e Roger Dale. O artigo de José Alberto Correia debruça-se, mais particularmente, sobre a “construção científica do político em educação”, analisando, assim, as relações entre a definição política e a definição científica da educação. Os artigos de Paulo Bento, que analisa o processo de desenvolvimento da área de Formação Social e Pessoal, e de Armando Loureiro e Artur Cristóvão, que aborda a evolução recente das Universidades, constituem dois estudos de caso concretos da política educativa. Por sua vez, o artigo de Luisa Pereira interroga a relação que existe entre a escola e a escrita defendendo que a aula de Língua Portuguesa tem de se confirmar como *espaço de afirmação da cidadania* se não quer continuar a configurar-se como espaço de exclusão escolar/social.

A secção “Diálogos sobre o Vivido” deste número é coordenada por Luís Souta que recolheu e organizou textos da literatura portuguesa (de autoria de

Joaquim Ferrer e Graciete Nogueira Batalha) que são comentados por ele próprio, por Carlos Cardoso e Ruben Cabral. Trata-se de “experiências do vivido... através da Literatura Portuguesa” analisadas pelo prisma da multiculturalidade. A experiência da leitura destes textos e dos comentários feitos sobre eles é não só informativa como estimulante!

Raúl Iturra, coordenador da secção “Arquivo”, seleccionou uma breve passagem de Auguste Comte do seu *Cours de Philosophie Positive* para nos lembrar o contexto conturbado em que se desenvolveram os primeiros passos da chamada Escola para Todos. A secção “Recensões” deste número inclui o debate, mais uma vez estimulado por Telmo Caria, entre este autor e Jorge Ávila de Lima na base do artigo deste último, “Questões centrais no estudo das culturas profissionais dos professores”, publicado no nº 13 da revista. Esta secção inclui também três recensões de obras recentemente publicadas em Portugal, duas das quais sobre professores em épocas separadas por cem anos de história, primeiro durante o período da consolidação do projecto de modernidade e depois durante a época de crise desse mesmo projecto. A terceira recensão, em que participam numerosos autores, é dos *Cadernos de Coeducação* publicados pela Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres em 1999.

Steve Stoer